

## **A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO LIVRO *EN AGOSTO NOS VEMOS* (2024) DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ**

*The representation of women in Gabriel García Márquez. En agosto nos vemos (2024)*

*La representación de la mujer en el libro En agosto nos vemos (2024) de Gabriel García Márquez*

Rafaela de Araújo Dantas<sup>1</sup>  
Ákyla Mayara Araújo Camêlo<sup>2</sup>  
Ludmilla Oliveira Souto<sup>3</sup>

Recebido: 18/04/2025  
Aprovado: 03/06/2025

**Resumo:** O objetivo desse artigo é analisar a construção da identidade de Ana Magdalena Bach, protagonista do livro *En Agosto nos Vemos* (2024) de Gabriel Garcia Márquez, com ênfase na representação da mulher. A mencionada obra discorre sobre a vida de Bach, uma erudita de 46 anos que viaja anualmente para visitar o túmulo da sua mãe em uma ilha caribenha como um ato de reencontro consigo, e nesse contexto, redescobre desejos sexuais antes reprimidos que lhe provocaram questionamentos sobre sua identidade. Metodologicamente, se configura como pesquisa bibliográfica e qualitativa. Inicia com uma reflexão sobre a literatura hispano-americana contemporânea e a representação da identidade da mulher nessas obras, especialmente, a narrativa de García Márquez e problematiza a publicação de obras póstumas. Em seguida, apresenta a análise do objeto de estudo a partir da representação identitária da protagonista. Finaliza com as considerações finais. Os estudos teóricos que ancoram o trabalho são de Rama (1981); Hall (2006); Zolin (2009); e Foucault (2012), entre outros. Nos parece que o enredo discorre sobre o protagonismo de uma mulher madura e determinada em um ambiente já registrado pelo autor em outras obras, o caribe colombiano.

**Palavras-chave:** *En agosto nos vemos*; literatura colombiana contemporânea; protagonismo feminino.

**Abstract:** The aim of this article is to analyze the construction of the identity of Ana Magdalena Bach, the protagonist of Gabriel Garcia Márquez's book *En Agosto nos Vemos* (2024), with an emphasis on the representation of women. The book discusses the life of Bach, a 46-year-old scholar who travels every year to visit her mother's grave on a Caribbean island as an act of reconnecting with herself, and in this context, rediscovers previously repressed sexual desires that lead her to question her identity. Methodologically, this is a bibliographical and qualitative study. It begins with a reflection on contemporary Spanish-American literature and the representation of women's identity in these works, especially García Márquez's narrative, and problematizes the publication of posthumous works. It then presents an analysis

<sup>1</sup> rrafaelaadantaas@gmail.com

<sup>2</sup> akylamayaraaraujocamelo@gmail.com

<sup>3</sup> lud.souto18@gmail.com

of the object of study based on the protagonist's representation of identity. It concludes with final considerations. The work is theoretically based on Rama (1981); Hall (2006); Zolin (2009); and Foucault (2012), among others. It seems to us that the plot deals with the protagonist role of a mature and determined woman in the Colombian Caribbean, an environment already recorded by the author in other Works.

**Keywords:** Contemporary Colombian literature; *En agosto nos vemos*; female protagonist role.

**Resumen:** El objetivo de este artículo es analizar la construcción de la identidad de Ana Magdalena Bach, la protagonista del libro *En agosto nos vemos* (2024) de Gabriel García Márquez, con énfasis en la representación de la mujer. La obra presenta la vida de Bach, una erudita de 46 años que viaja anualmente para visitar la tumba de su madre en una isla caribeña como un acto de encuentro consigo, y en este contexto, redescubre deseos sexuales antes reprimidos que le provocaron cuestionamientos sobre su identidad. Metodológicamente, se configura como investigación bibliográfica y cualitativa. Comienza con una reflexión sobre la literatura hispanoamericana contemporánea y la representación de la mujer en esas obras, especialmente la narrativa de García Márquez y problematiza la publicación de obras póstumas. A continuación, presenta el análisis de la obra desde la representación de la protagonista y finaliza con las consideraciones finales. Los estudios teóricos que fundamentan el estudio son de Rama (1981); Hall (2006); Zolin (2009); y Foucault (2012), entre otros. Nos parece que la trama contextualiza el protagonismo de una mujer madura y determinada en un ambiente ya registrado por el autor en otras obras, el caribe colombiano.

**Palabras-clave:** *En agosto nos vemos*; literatura colombiana contemporánea; protagonismo femenino.

## 1 Introdução

Na contemporaneidade, a literatura hispano-americana tem apresentado personagens femininas multifacetadas, que expressam desejos, autonomia e identidade própria distanciando-se de períodos anteriores que as representavam em condição de inferioridade. Essas narrativas abordam variadas experiências de mulheres, inclusive, em sociedades marcadas por estruturas patriarcais em contexto de lutas, anseios e autoafirmação. A literatura do continente, portanto, não é um sistema unificado. Seu estudo demanda uma perspectiva plural por seu caráter diverso, seja pelos vieses das culturas, das línguas ou das realidades sócio históricas que compõem essa produção. No livro *América: história e ficção*, André Trouche (2006, p.140) afirma que,

Abordar a literatura hispano-americana como sistema, sem dúvida, é uma das questões mais imediatas e delicadas com que se enfrenta o discurso crítico, ao debruçar-se sobre a produção literária da chamada América

Hispânica. Imediata porque o próprio termo América Hispânica corresponde a um conceito geopolítico questionável, e que vem apresentando grande variação ao longo do tempo. É delicada porque envolve uma grande quantidade de culturas regionais/nacionais que apresentam considerável diversidade, não se expressam numa única língua [...] principalmente, porque se relaciona diretamente à questão da imagem/identidade hispano-americana, verdadeiro trauma ontológico-cultural, sempre presente desde a época da Conquista.

A citação indica que compreender a literatura hispano-americana é um desafio e ao mesmo tempo enriquecedor, pois envolve uma aproximação com múltiplas culturas, línguas e subjetividades. Isso reforça que produções como *En agosto nos vemos* (2024) devem ser analisadas levando em conta essa diversidade histórica e simbólica. Seu autor, o colombiano Gabriel García Márquez, é considerado um dos maiores representantes da literatura latino-americana. Ele nasceu em Aracataca na Colômbia em 1927, e faleceu em 2014. Entre outros galardões, no ano de 1982, recebeu o *Prêmio Nobel de Literatura* por suas obras, deixando sua marca registrada no estilo literário que mistura eventos fantásticos com cenas do cotidiano, o qual recebeu o nome de realismo mágico.

A literatura de García Márquez parte de situações histórico-sociais com forte carga política que reflete a realidade da América Latina. Entre as suas principais obras, podemos destacar: *Cem anos de solidão* (1967), *O amor nos tempos de cólera* (1985), *Crônica de uma morte anunciada* (1981), *O outono do patriarca* (1975), *Doze contos peregrinos* (1992) e *Memória de minhas putas tristes* (2004). Seu último livro publicado se chama *En agosto nos vemos*, uma obra póstuma disponível no mercado editorial desde 2024 e que tem proporcionado muitos debates da crítica sobre a validade do enredo, sobretudo, pelo fato da narrativa não ter sido revisada pelo autor.

A protagonista se chama Ana Magdalena Bach, ela tem 46 anos de idade e vivencia o processo de autodescoberta e ressignificação da própria identidade. É representada com densidade psicológica e enigmática, caracterizada como uma mulher madura e determinada. Após a morte da sua mãe, decidiu viajar uma vez por ano para visitar seu túmulo em uma ilha caribenha. Nesse ambiente, passa a viver novas experiências que lhe provocam questionamentos internos sobre sua feminilidade e padrões sociais. O espaço adquire um significado de transgressão e liberdade, pois lá, experimenta práticas antes reprimidas. A

narração apresenta uma atmosfera onírica e sensorial que evidencia a carga emocional e reforça o universo de autodescoberta.

A partir desse contexto, esse artigo tem como objetivo analisar a construção da identidade da protagonista Ana Magdalena Bach no livro *En Agosto nos Vemos* (2024) de Gabriel Garcia Márquez, com ênfase na representação da mulher. Justificamos essa pesquisa por considerar que apesar do Brasil ser um país engajado com o autor, a obra que nos ocupa ainda conta com poucos estudos que versem sobre ela, precisamente pelo fato de ter sido publicado recentemente.

O artigo se configura como pesquisa bibliográfica e qualitativa. Inicia com uma breve apresentação sobre a literatura hispano-americana contemporânea, especialmente, a narrativa de García Márquez, também problematiza a publicação de obras póstumas. Em seguida, é feita a análise a partir da construção da identidade e da representação da protagonista. Finaliza com as considerações finais. Teoricamente partimos dos estudos de Rama (1981), Hall (2006), Zolin (2009) e Foucault (2012) entre outros, que oferecem subsídios para o desenvolvimento desse estudo.

No livro *En agosto nos vemos*, o narrador discorre sobre uma mulher madura que desafia o patriarcado e questiona sua própria subjetividade, identidade e desejos, agregando-lhe a característica de complexa e multifacetada.

## **2 Formas e fricções nas narrativas hispano-americanas a partir da obra *En agosto nos vemos***

Além de possuir outras características importantes, a literatura hispano-americana é nacionalista, está marcada pela diversidade cultural e pelo reflexo da sociedade através de temas e formas variadas. Narrativas não lineares fogem da cronologia dos eventos como modo de revelar diferentes perspectivas que entrelaçam realidade e ficção, muitas vezes indissociáveis na literatura do tempo presente. Essas particularidades coadunam com o posicionamento da crítica literária argentina Josefina Ludmer (2010, p.2), que no artigo “Literaturas pós-autônomas” aclara que a literatura contemporânea não apresenta dicotomias entre realidade e ficção ou outras esferas sociais, portanto, são fluidas. Se tratam de ficções enraizadas na realidade cotidiana. Esses textos condensam fricções por suas estéticas fragmentadas e lacunas desconexas que desafiam a interpretação do leitor. Os personagens

representam identidades em fluxo que resultam, muitas vezes, em tensões entre a tradição e a inovação por meio dos gêneros híbridos.

Nos parece importante destacar que foi a partir do final século XX e início do XXI, que a literatura hispano-americana passou por uma reconfiguração marcada pela consolidação de autores que repensaram as tradições e escreveram a partir de uma nova estética artística, que passou a ser chamado de *boom* latino-americano. Esse fenômeno ocorreu entre as décadas de 60 e 70, especificamente, e foi caracterizado a partir de uma explosão de publicações, além do reconhecimento e circulação das narrativas em contexto internacional. Os principais nomes do período foram: Gabriel García Márquez, Julio Cortázar, Mario Vargas Llosa e Carlos Fuentes. No livro *Mas allá del boom literatura y mercado*, Angel Rama (1981, p.73), enfatiza que se trata de um florescimento literário de difícil definição, tendo em vista que estudiosos possuem listas distintas dos escritores que fizeram parte de fato, ainda aclara que, além de se tratar de um fenômeno, representa a consciência do povo latino-americano sobre sua identidade, por essa razão, não foi apenas uma iniciativa das editoras que pretendiam vender, mas também dos leitores que desejavam conhecer essa nova expressão literária.

Essa nova estética serviu de herança para as obras vindouras. Muitas passaram a questionar estruturas rígidas de poder e identidade, e aprofundaram debates sobre questões de gênero, raça e classe social. Heloisa Costa Milton (2007, p. 275) destaca que,

Na literatura hispano-americana, a indagação do passado compõe um veio privilegiado para o gesto criador, inscrevendo-se como uma busca poética diretamente vinculada ao tópico da identidade cultural. Tal condição traz como resultado uma alta incidência de romances históricos neste território literário, subgênero que, emergindo no século XIX, instala-se na contemporaneidade com força expressiva, talento inovador e vitalidade plena.

Notamos que além da literatura hispano-americana revisitar o passado, parte de questionamentos sobre as tradições como modo de reconstruir a identidade de cada região. De acordo com Stuart Hall (2006, p. 13), a identidade cultural não é fixa ou essencial, e sim um seguimento contínuo de construção que percorre discursos históricos, sociais e políticos. Se adapta às relações culturais, pelas práticas sociais e pelas representações simbólicas de cada tempo. Essa perspectiva se relaciona com a obra *En agosto nos vemos*, que apesar de ter sido publicada em 2024, distante temporalmente do *boom* latino-americano, segue, em partes, os

moldes da tradição por ambientar-se no cotidiano de uma ilha latino-americana e distancia-se por dar espaço à subjetividade da protagonista Ana Magdalena Bach, que reconfigura sua própria identidade a partir do seu modo de lidar com o tempo, sobretudo, com relação a sua sexualidade antes reprimida.

*En agosto nos vemos* representa a renovação da narrativa de García Márquez e proporciona leituras diversas. Ao nosso ver, parece levantar um debate contra a hierarquização sobre o corpo e mente feminina. Há um equilíbrio. A protagonista é autônoma da sua mente e do seu corpo. Apesar de ser casada e ter filhos, na maturidade manifesta e faz valer suas vontades. Essa característica condiz com o conceito de feminismo e temporalidade conforme proposto pela filósofa australiana Elizabeth Grosz no capítulo de livro intitulado “Corpos reconfigurados”. Nesse texto, a autora critica pensamentos filosóficos e alguns discursos feministas que desconsideram o corpo da mulher em lutas por autonomia, ou seja, deixam esses corpos como ponto cego nesses estudos.

Para a australiana, aceitar acriticamente o senso comum sobre o corpo feminino está automaticamente contribuindo com a visão da desvalorização social sobre o sexo. De acordo com Grosz (2000, p.70), não podemos considerar características físicas da mulher como um ônus, pela menstruação, gestação, entre outras características biológicas, e enfatiza que esse pensamento pode reduzir as lutas globais em prol da liberdade pela feminina, ou seja, não se deveria dissociar a corporeidade da mente, julgar o último como mais elevado pode reduzir a totalidade feminina. A pesquisadora defende que a desvalorização do corpo contribui com a opressão às mulheres e reforça uma sociedade que limita suas experiências e perpetua a desigualdade de gênero.

Grosz (2000, p.67) afirma que internalizar discursos patriarcais sobre o corpo feminino, pode reafirmar o controle masculino sobre elas, as quais podem passar a se enxergar de modo negativo e reforçar a própria opressão. Para a estudiosa, devemos lutar pela igualdade sem ignorar o corpo como parte da experiência feminina. Já no livro *O segundo sexo* (1980, p.35), Simone de Beauvoir reforça que ser mulher é uma construção social. Assim, percebemos que a narrativa de García Márquez apresenta uma protagonista que aceita as mudanças intelectuais, e corporais, que em conjunto contribuem para a sua reconstrução enquanto mulher madura e autônoma para fazer o que deseja.

No contexto não dissociável entre corpo, mente, identidade e construções sociais se encontra Ana Magdalena Bach, e nesse panorama alinha-se às discussões foucaultianas sobre a relação entre poder, saber e sexualidade. Michel Foucault (2012, p. 93) propõe que a análise da sexualidade não deve se restringir à identificação de quem detém ou é privado de poder, mas sim examinar como as relações de força moldam e transformam os indivíduos. Ele afirma:

Não procurar quem tem o poder na ordem da sexualidade (os homens, os adultos, os pais, os médicos) e quem é privado de poder (as mulheres, os adolescentes, as crianças, os doentes...); nem quem tem o direito de saber, ou é mantido à força na ignorância. Mas, ao contrário, buscar o esquema das modificações que as correlações de força implicam através de seu próprio jogo. As 'distribuições de poder' e as 'apropriações de saber' não representam mais do que cortes instantâneos em processos, seja de reforço acumulado do elemento mais forte, seja de inversão da relação, seja de aumento simultâneo dos dois termos.

Essa perspectiva evidencia que as normas sociais não restringem, mas orientam e moldam os desejos e comportamentos dos indivíduos. Dessa forma, a jornada da protagonista se insere nas reflexões de Foucault sobre a interconexão entre poder, conhecimento e sexualidade, demonstrando como as mulheres podem desafiar discursos que historicamente as afastaram da autonomia e do prazer, e essa autonomia que molda a identidade das pessoas. Sobre as narrativas contemporâneas que discorrem sobre a construção da identidade feminina, Lúcia Osana Zolin (2009, p. 217) afirma:

Nas últimas décadas, muitas facções críticas defendem a necessidade de se considerar o objeto de estudo em relação ao contexto em que está inserido; de alguma forma, tudo parece estar interligado. No que se refere à posição social da mulher e sua presença no universo literário, essa visão deve muito ao feminismo, que pôs a nu as circunstâncias sócio-históricas entendidas como determinantes na produção literária. Do mesmo modo, fez perceber que o estereótipo feminino negativo, largamente difundido na literatura e no cinema, constitui-se num considerável obstáculo na luta pelos direitos da mulher.

Historicamente, a literatura latino-americana retratou as mulheres a partir de paradigmas tradicionais — a mãe devotada, a esposa resignada ou a *femme fatale*. No entanto, as produções mais recentes têm buscado desconstruir essas imagens, apresentando protagonistas femininas mais complexas e multifacetadas. Escritoras como Isabel Allende, Laura Esquivel, Samanta Schweblin e Mariana Enríquez vêm mostrando a interioridade

feminina de maneiras inovadoras a partir dos temas que versam sobre autonomia, desejo, violência e identidade.

Nesse cenário, a protagonista de *En agosto nos vemos*, Ana Magdalena Bach, representa um afastamento dos estereótipos tradicionais. Sua jornada é de autoconhecimento e redescoberta do desejo, rompe com a ideia de que as trajetórias femininas na literatura estão restritas à juventude ou à maternidade. Mais do que uma simples história de amor ou desejo, a narrativa sugere que as normas sociais não apenas reprimem, mas moldam e direcionam os comportamentos e anseios dos indivíduos. No caso de Magdalena, sua trajetória pode ser interpretada como uma forma de resistência às normativas que limitaram a expressão da sexualidade, especialmente para mulheres de meia-idade.

Em suma, notamos que enquanto nos anos sessenta Gabriel García Márquez pretendia mostrar a identidade latino-americana em sua literatura, sua obra póstuma, publicada contra sua vontade, evidencia a identidade particular da mulher. Embora não seja um romance histórico nos moldes da tradição, nem a protagonista seja uma mulher à moda antiga, ela mantém uma conexão com o passado por sua relação com a memória materna.

Não podemos deixar de mencionar que García Márquez não teve apenas um papel fundamental na reconfiguração da narrativa latino-americana, mas na consolidação do realismo mágico, que ficcionaliza a cultura e o cotidiano latino-americano entrelaçado com a fantasia. Na sua obra *En agosto nos vemos* (2024), apresenta sutis elementos do realismo mágico, e apesar de não ser mostrado em sua forma clássica como em *Cien años de soledad* (1967), há sua essência ambientada na ilha, cuja atmosfera é quase fantasiosa e envolve as experiências particulares da protagonista, sobretudo, no desfecho do enredo.

Com a publicação póstuma *En agosto nos vemos* (2024), surgiu uma discussão relevante sobre os desafios e a viabilidade da publicação de textos que não passaram pela revisão final do autor. A ausência dessa última avaliação levanta questionamentos sobre a fidelidade e integridade da obra em relação ao projeto literário original, ainda que tenha sido amplamente aclamada pelos leitores. De acordo com Sandra Guardini Vasconcelos (2007, p. 89), esses lançamentos podem ser avaliados como um desrespeito ao silêncio que o escritor escolheu, além de uma ameaça à integridade poética. Esse impasse também está presente em outras obras da literatura hispano-americana, como *2666* de Roberto Bolaño, que foi publicado com a decisão dos herdeiros em um único volume, apesar da proposta inicial que

seria lançá-la em partes. Essas edições –não autorizadas- podem comprometer a coerência estética e ética do legado literário do autor.

O livro *En agosto nos vemos* (2024), surge como um presente póstumo aos seus leitores. A obra foi publicada por seus filhos, Rodrigo e Gonzalo García Barcha após a sua morte e gerou grande repercussão entre críticos e leitores fiéis de Márquez. O autor chegou a escrever cinco versões do romance antes da sua partida, e a obra inédita foi lançada em 41 idiomas. No enredo, exalta a vida, o desejo feminino e a resistência à passagem do tempo. No prefácio se menciona a dificuldade enfrentada por García Márquez devido à sua doença, a demência, que é degenerativa e provoca perda de memória e de capacidade de pensar com clareza, conforme destacado a seguir:

(...) essa perda que diminuiu suas possibilidades de continuar escrevendo com o rigor de costume foi, para ele, uma fonte de frustração desesperadora. Ele nos disse isso com clareza e a eloquência de um grande escritor: “A memória é, ao mesmo tempo, minha matéria-prima e minha ferramenta. Sem ela não existe nada” (Márquez, 2024, p. 5).

A citação indica a consciência e a tristeza do autor pela perda progressiva da memória, acompanhada de uma carga de frustração. Pelo ponto de vista dos analistas literários, enquanto alguns leitores criticaram o enredo, outros o receberam como um brinde, ainda que apresente abordagens diferentes daquelas mais recorrentes em sua trajetória literária. A seguir, nos detemos aos detalhes da obra com ênfases na análise da identidade e da representação da protagonista.

### **3 A subjetividade feminina no livro *En agosto nos vemos* (2024)**

A obra póstuma de Gabriel García Márquez apresenta uma abordagem inovadora da subjetividade feminina ao narrar a história de Ana Magdalena Bach, uma mulher de 46 anos que todos os anos, no mês de agosto, viaja para uma ilha caribenha para visitar o túmulo da sua mãe. Esse trajeto, no entanto, não se limita a uma homenagem materna, mas configura-se como um processo de reencontro consigo mesma. Suas viagens tornam-se um espaço de transformação pessoal, no qual, por uma noite a cada ano, ela se permite explorar novas facetas da sua identidade. A partir dessas experiências, Ana Magdalena redescobre sua sexualidade, rompendo com os paradigmas que associam o desejo feminino exclusivamente à juventude ou à maternidade.

A protagonista desafia os estereótipos femininos frequentemente encontrados na literatura latino-americana, que tradicionalmente retrata a mulher do lar ou julga as que se distanciam dessa esfera privada. Diferente dessas representações convencionais, seu percurso não está moldado pelo olhar masculino nem pela necessidade de se encaixar em papéis sociais preestabelecidos. Ana assume o controle de suas escolhas e vivências e explora sua liberdade e autonomia de forma plural.

Um dos aspectos mais debatidos sobre o livro é a forma como García Márquez questiona a invisibilidade da sexualidade feminina após determinada fase da vida. A sociedade, muitas vezes, impõe limites ao prazer e à autonomia das mulheres, especialmente das mais maduras, restringindo-as a um papel de cuidadoras ou relegando suas experiências amorosas a um segundo plano. No entanto, Ana Magdalena desafia esses padrões, permitindo-se romper com as normas que tradicionalmente limitam a liberdade erótica e emocional feminina.

A narrativa sugere que o desejo da mulher não deve ser visto como algo estático ou condicionado apenas à reprodução, mas sim como uma experiência contínua e transformadora. Esse aspecto dialoga com as reflexões de Michel Foucault sobre a sexualidade, entendida não apenas como um objeto de repressão, mas como um campo de resistência e ressignificação. Dessa forma, Ana Magdalena representa a possibilidade de uma reconfiguração da identidade feminina dentro de um contexto literário que busca dar voz a histórias que antes, foram pouco exploradas.

Assim, a obra se insere em um contexto mais amplo da literatura hispano-americana contemporânea, na qual a experiência feminina tem sido trabalhada de forma diversa. Além disso, a narrativa contribui para o debate sobre independência, desejo, liberdade e identidade, ampliando a representatividade das mulheres na ficção. É uma oda à vida. García Márquez desconstrói enredos que, por séculos, limitaram não apenas a liberdade de expressão feminina, mas também a sua existência dentro da sociedade.

No decorrer do livro, conhecemos a protagonista Ana Magdalena Bach através das palavras do narrador onisciente, que enfatiza que essa rotina anual se torna um espaço de transformação pessoal, pois é nesse contexto que ela problematiza sua identidade, ressignifica desejos antes suprimidos e se reconstrói. O narrador aclara que ela "Havia repetido essa viagem todo 16 de agosto, na mesma hora, com o mesmo táxi e na mesma florista, debaixo

do sol de fogo no mesmo cemitério miserável, para pôr um ramo de gladiolos frescos no túmulo da mãe" (Márquez, 2024, p. 15). A relação de Magdalena com a tumba materna não reflete apenas seu apego ao passado, mas também ao processo de reconstrução da sua subjetividade. O erotismo presente na narrativa insere-se nesse percurso de autodescoberta, trazendo ecos do realismo mágico ao transcender a realidade objetiva e incorporar uma dimensão sensorial intensa. A obra se destaca por explorar a interioridade feminina através de uma protagonista que desafia padrões tradicionais e se afasta das representações convencionais da literatura latino-americana.

Ao analisarmos a trajetória de Bach, percebemos que a personagem de Márquez desafia esses arquétipos e vivencia um processo íntimo de emancipação. Sua representação evoca debates sobre autonomia e identidade e contribui para um diálogo sobre os obstáculos e as transformações das mulheres na ficção, enriquecendo a tradição literária da região por romper com estereótipos e refletir a diversidade de vivências femininas.

No enredo, após uma visita ao cemitério, Ana retornou ao hotel, adormeceu e, ao despertar, percebeu que estava faminta. O bar do hotel ainda estava aberto, e ela decidiu descer para jantar. No restaurante, sentou-se e pediu o mesmo prato dos anos anteriores. Apesar da inicial sensação de desconforto por estar sozinha, a música suave a tranquilizou. É nesse momento que ela percebeu um homem distinto sentado à sua frente:

Ela comeu depressa, tentando superar a humilhação de fazer uma refeição sozinha, mas sentiu-se bem com a música, que era suave e tranquilizante, e a menina sabia cantar. Quando terminou, só restavam três casais em mesas dispersas, e, bem na frente dela, um homem distinto que não tinha visto entrar. Usava linho branco, os cabelos metálicos. Tinha na mesa uma garrafa de brandy, uma taça pela metade e parecia estar sozinho no mundo (Márquez, 2024, p. 19).

A partir desse encontro casual, inicia-se uma transformação na vida de Ana Magdalena. Pela primeira vez, ela se permitiu explorar um desejo que nunca antes havia considerado. O primeiro gole de gim a fez sentir-se ousada e confiante: "Comovida, Ana Magdalena Bach pediu um gim com gelo e soda, o único álcool que aguentava bem. O mundo mudou depois do primeiro gole. Ela se sentiu atrevida, alegre, capaz de tudo e embelezada pela mistura sagrada da música com o gim" (Márquez, 2024, p. 20). O desenrolar da cena mostra o envolvimento de Ana com esse homem, cuja experiência desperta nela uma nova

percepção de si mesma. Ao retornar para casa, começou a enxergar sua vida sob uma nova ótica e perceber nuances em seu casamento que antes ignorava.

Nos anos seguintes, Ana Magdalena continuou com suas viagens à ilha, mas já não seguiu os mesmos costumes. Trocou o táxi, o hotel e mudou pequenos hábitos, sugerindo uma mudança interna. Sua vida de autodescoberta se intensificou a cada nova experiência, levando-a a explorar encontros casuais que testaram seus limites e desejos. Um desses momentos ocorreu quando um homem misterioso a convidou para contemplar um eclipse. O convite despertou nela, uma curiosidade infantil, mas logo percebeu que se tratava de uma desculpa:

— Não vai ter eclipse — disse. (...) — Não vai ter — disse ela. — Os eclipses só podem acontecer em lua cheia, e estamos em quarto crescente. (...) Não houve mais formalidades. Os dois já sabiam para onde iam, e ela sabia que era a única coisa digna que podia esperar dele desde que dançaram o primeiro bolero (Márquez, 2024, p. 59)

Apesar disso, Ana seguiu em frente, reconhecendo que sua busca ia além de um simples encontro passageiro. Ela percebeu que cada nova experiência a transformava de maneira irreversível. Em uma de suas viagens, reencontrou um velho conhecido, o advogado Aquiles Coronado, padrinho de sua filha. A possibilidade de um romance com alguém do seu passado surgiu, mas Ana sentiu que não podia seguir adiante. Sua nova visão sobre a vida e o desejo já não lhe permitia voltar ao que era antes. Com o passar dos anos, ela entendeu que seu casamento, sustentado por uma felicidade convencional, nunca foi realmente questionado. Agora, porém, ela o via com outros olhos:

As relações com seu marido tinham experimentado variações notáveis naqueles três anos, e ela as interpretava de acordo com o estado de ânimo com que regressava à ilha. O homem dos vinte dólares, cuja lembrança a amargurava, tinha aberto seus olhos para a realidade de seu matrimônio, sustentado até então por uma felicidade convencional que desviava das divergências para não tropeçar nelas, como a sujeira que é escondida debaixo do tapete (Márquez, 2024, p. 69).

Ao longo do romance, García Márquez apresenta uma mulher que, longe de ser refém dos papéis tradicionalmente impostos pela sociedade, se permite explorar suas vontades, questionar sua própria existência e experimentar novos caminhos. Dessa forma, *En agosto nos vemos* (2024) se consolida como uma obra que, mesmo publicada postumamente, mantém a

essência do autor e dialoga com questões essenciais da literatura contemporânea, especialmente no que diz respeito à representação feminina.

Ano após ano, Ana retornava à ilha. Em uma noite de 16 de agosto, ela procurou um lugar para dormir, mas os hotéis estavam lotados devido à convenção mundial de turismo, que encheu a praia de trailers e barracas. Eventualmente, ela encontrou um hotel e, logo na chegada, recebeu a ajuda de um homem para conseguir um quarto. Seguindo sua rotina habitual, visitou o cemitério para levar flores ao túmulo da mãe. À noite, recebeu uma ligação daquele homem que conheceu mais cedo. Inicialmente, recusou o convite, já antecipando uma noite arruinada, mas, no fim, acabou cedendo e se entregando a mais uma noite intensa.

No ano seguinte, em agosto, Ana retornou à ilha e seguiu sua rotina. No entanto, ao visitar o cemitério, sentiu-se inquieta. Ao chegar, compreendeu melhor essa ansiedade: o túmulo da mãe estava coberto por flores apodrecidas pela chuva, despertando em sua mente inúmeras perguntas e cenários.

Diante do túmulo, Ana ficou abalada ao ver aquele monte de flores deterioradas. Sem conseguir imaginar quem poderia tê-las deixado ali, perguntou ao zelador sem malícia, e ele respondeu com naturalidade: — O senhor de sempre.

Seu desconcerto aumenta quando o zelador explica que não sabe quem é o misterioso visitante, que surge em qualquer época do ano e cobre o túmulo com flores esplêndidas, pouco comuns em cemitérios de pobres. Ele descreve o homem como alguém por volta dos sessenta anos, com cabelos brancos, bigode imponente e uma bengala que se transforma em guarda-chuva para que ele possa permanecer absorto diante do túmulo, mesmo sob a chuva (Márquez, 2024, p. 102).

A revelação do zelador despertou em Ana um turbilhão de questionamentos. Ela começou a desvendar o mistério das viagens frequentes de sua mãe à ilha e o desejo expresso por ela de ser enterrada ali.

Só então compreendeu o sentido das três ou quatro visitas anuais que sua mãe fazia à ilha e sua determinação de ser enterrada ali ao perceber que estava morrendo longe de casa. Só então entendeu a razão dos seis anos de viagens ininterruptas que sua mãe fez antes de morrer, com a mesma intensidade que Ana repetia agora (Márquez, 2024, p. 103).

A citação indica uma forte ligação da mãe de Ana com a ilha. Transmite uma ideia de pertencimento que favoreceu a criação de raízes, movidas, provavelmente, pela relação por

esse senhor visitante. Não podemos deixar de mencionar que a energia do lugar conduziu Bach a seguir os passos semelhantes aos da sua mãe, como se uma força sobrenatural, como um imã, atraísse essas mulheres aos prazeres proporcionados pela ilha.

Nessa noite, Ana tentou reviver momentos intensos, mas não conseguiu. Retornou ao quarto e, exausta pelo choro, adormeceu. No dia seguinte, perdeu a embarcação de regresso para sua casa, para poder acompanhar a exumação e recolher os restos mortais da sua mãe. Quando o zelador e o coveiro abriram a tumba sem qualquer cerimônia,

Ana Magdalena viu a si mesma no caixão aberto como em um espelho de corpo inteiro, com um sorriso gelado e os braços em cruz sobre o peito. Se viu idêntica e com sua mesma idade daquele dia, com o véu e a coroa que usou no seu casamento, o diadema de esmeraldas vermelhas e a aliança, como sua mãe havia mandado. Não somente a viu como foi em vida, com sua mesma tristeza inconsolável, mas se sentiu vista por ela desde a morte, querida e chorada por ela, até que o corpo se desfez em seu próprio pó final e sobrou a ossada carcomida que os coveiros espanaram com uma vassoura e a guardaram sem misericórdia em um saco de ossos (Márquez, 2024, p.110).

A passagem anterior pode ser compreendida a partir da essência do realismo mágico, que de acordo com Iaranda Barbosa (2020, p.39) habita o plano do maravilhoso, pois aceita o insólito como elemento natural da realidade, logo, não provoca espanto no leitor. Esse relato fúnebre se configura, portanto, como um espelho identitário, uma duplicidade que funde a representação da mãe com a da filha pela força atrativa da ilha. A citação também indica que o casamento de Ana denota clausura, já que ela se enxergou com vida, vestida de noiva, com joias e aliança -como sua mãe havia mandado- dentro do caixão, de modo que rapidamente vira pó e se converteu nos ossos da sua mãe morta. O cenário mórbido relaciona a vida nupcial com um ritual de morte, ou seja, contra sua própria vontade.

Com a ossada, a protagonista retornou para casa e com serenidade, afirmou: “— Não se assuste — disse. — Ela entende. E mais, acho que ela é a única que já tinha entendido quando decidiu que a enterrassem na ilha” (Márquez, 2024, p. 111). A atitude de Ana não é apenas um gesto de luto, mas de compreensão e ressignificação, sobretudo, por perceber uma faceta desconhecida daquela mulher, que assim como ela, via a ilha um espaço de liberdade, um refúgio para seus desejos, em que podiam ser quem realmente eram, sem os julgamentos da sociedade. Uma história que se repete e transita entre duas gerações. A partir desse

momento, todas as experiências que Magdalena Bach viveu — desde o pedido da mãe para ser enterrada na ilha até sua própria jornada de autodescoberta — começam a fazer sentido.

Dessa forma, a obra transcende uma simples narrativa sobre desejos e encontros casuais. A trajetória de Ana Magdalena Bach reflete uma transformação interna marcada pela redescoberta de si mesma e pela ruptura de padrões que a mantiveram presa a uma zona de conforto. A cada viagem à ilha, ela não apenas modifica seus hábitos, mas também passa a enxergar sua própria existência sob uma nova perspectiva.

No fim, a protagonista entende que nunca mais será a mesma. Suas experiências transformaram não apenas a sua visão de mundo, mas também a forma como se percebe dentro dele. Assim, *En agosto nos vemos* se consolida como um romance que não apenas reafirma a grandiosidade literária de García Márquez, mas também oferece uma reflexão sobre subjetividade e autonomia, especialmente dentro da vivência feminina. Mesmo sendo uma publicação póstuma, mantém a essência do estilo de Márquez, que com muita sensibilidade se debruça sobre temas como o tempo, o desejo e a liberdade feminina na maturidade.

No final do livro, *En agosto nos vemos* (2024), os leitores são presenteados com a nota da edição original, onde Cristóbal Pera compartilha detalhes sobre as obras e a vida de Gabriel García Márquez. Além disso, a edição traz quatro *fac-símiles* de páginas da pasta intitulada “Versão 5”, que revelam pequenas correções e sugestões feitas ao longo do processo de escrita, culminando na versão definitiva.

#### **4 Considerações finais**

Ao longo do estudo percebemos que enquanto a opressão patriarcal vincula mulheres aos corpos, restringindo seus papéis sociais. Alguns movimentos feministas defendem a predominância da autonomia intelectual. Esse embate pode proporcionar um binarismo no par corpo e mente que pode resultar em um conceito limiar que oscila indescritivelmente e subjuga a totalidade feminina. Em *En agosto nos vemos* (2024), o autor une os termos através de uma protagonista independente de corpo e alma.

A narrativa tardia de Garcia Márquez abandona o patriarca e se debruça sobre a figura feminina madura, livre de preconceitos e crenças limitantes a partir de uma nova perspectiva que desafia estereótipos e proporciona uma reflexão sobre a identidade e a liberdade da mulher de corpo e intelecto. Centra a narrativa em Ana Magdalena Bach, uma protagonista que se

reconecta com seus desejos e questionamentos internos. No enredo, o autor revela a complexidade da existência feminina através de reflexões sobre o envelhecimento e as pressões sociais, e passam, na obra, a ter mais sede pela liberdade.

Nesse sentido, identificamos formas literárias contemporâneas sobre lidar com o tempo. Na narrativa não-linear há repetições cíclicas que se relacionam com as visitas da protagonista a sua mãe em que o passado e o presente se confundem. A ambiguidade entre vida e morte, que é uma característica da literatura do autor, comprova que ele não abandonou seu estilo, e sobretudo, apresentou novas fricções e perspectiva a partir da visão da mulher.

A obra, ao explorar a busca pela autoaceitação e pelo desejo, se torna um importante marco para discussões feministas nas narrativas de García Márquez, cujo legado na exploração das questões humanas e universais permanecem. Por meio da análise do enredo percebemos características sutis do universo mágico e sensível do escritor a partir do protagonismo feminino em contexto de redescoberta pessoal e existencial.

## 5 Referências

BARBOSA, Iaranda Jurema Ferreira. **Horizontes de la escalera: a presença do modo fantástico na poesia latino-americana**. Recife: UFPE, 2020.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

FERREIRA, César. En agosto nos vemos (Resenha). **Project Muse**. V. 98, n. 4, p. 68–69, ago. 2024. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/931093>>. Acesso em: 11 abr de 2025.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados: feminismo e temporalidade. **Cadernos Pagu**. Campina, n.15, p.45-86, jun. 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LUDMER, Josefina. Literaturas posautónomas. Em: **Sopro Panfleto Político Cultural**. Buenos Aires: Ciberletras - Revista de crítica literaria y de cultura, 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=403041704005>>. Acesso em: 3 jan 2025.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **En agosto nos vemos**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2024.

MILTON, Heloisa Costa. **A história como intertexto ativo da literatura hispano-americana**. Niterói: Gragoatá, 2007.

RAMA, Angel. **Más allá del boom literatura y mercado**. Buenos Aires: Folios Ediciones, 1981.

TROUCHE, André. **América: história e ficção**. Niterói: EdUFF, 2006.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. **Ficção e confissão: a escrita autobiográfica na literatura brasileira**. São Paulo: Edusp, 2007.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Crítica feminista**. Maringá: EDUEM, 2009.